

Fenomenologia dos Devaneios



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Sergio Miceli Pessoa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Maria Angela Faggin Pereira Leite
Clodoaldo Grotta Ragazzo

Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Suplentes Marta Maria Geraldês Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Fenomenologia dos Devaneios

MARCUS SACRINI

Copyright © 2023 by Marcus Sacrini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacrini, Marcus

Fenomenologia dos Devaneios / Marcus Sacrini. – São Paulo:
Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-103-6

1. Fenomenologia 2. Filosofia I. Título.

22-127736

CDD-142.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Fenomenologia: Filosofia 142.7

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

Nosso procedimento é o daquele viajante-pesquisador em uma parte desconhecida do mundo, que descreve cuidadosamente aquilo que se oferece a ele por caminhos ainda não trilhados, e que nem sempre serão os mais curtos. Ele pode ter a consciência segura de enunciar aquilo que teria de ser enunciado em tal tempo e em tais circunstâncias, e que continuará portando seu valor, porque é expressão fiel do que foi visto – ainda que novas pesquisas venham exigir novas descrições com diversos aprimoramentos. Neste mesmo espírito, pretendemos ser na sequência expositores fiéis das configurações fenomenológicas, resguardando-nos, de resto, o hábito da liberdade interna também em relação a nossas próprias descrições.

E. Husserl, *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*, § 96.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I – CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS	19
§ 1 – Questões de Partida	21
§ 2 – O Subjetivo como Tema	22
§ 3 – Sentidos de Privacidade	27
§ 4 – Descrição e Sentido Fenomenal Autóctone	30
§ 5 – O Caráter Eidético da Investigação	36
§ 6 – O Papel da Reflexão	48
§ 7 – O Método da Redução Fenomenológica	59
§ 8 – A Intencionalidade como Tema Capital	70
§ 9 – Apresentação e Presentificação	83
II – ANÁLISE SISTEMÁTICA	97
A – Fenomenalidade	99
§ 10 – O Conteúdo Intencional da Presentificação	99
§ 11 – A Autonomia Relativa do Presentificar	106
§ 12 – Delimitação Genérica do Aparecer Presentificado	109
§ 13 – Esboço de Análise sobre a Aparição Presentificada	118
B – Intuitividade	123
§ 14 – As Visualizações e a Memória Operatória	123
§ 15 – As Presentificações Auditivas e o Rememorar Vivencial	132
§ 16 – As Presentificações dos Outros Sentidos e a Memória Prospectiva	139
§ 17 – Intersensorialidade Presentificante	145

C – Evocatividade	149
§ 18 – Análise da Consciência de Imagem.....	149
§ 19 – O Papel Geral da Evocatividade	155
§ 20 – Atestabilidade e Evocatividade	160
§ 21 – A Evocatividade Simbólica	167
§ 22 – Efetividade Sensível e Realidade.	174
D – Discursividade.....	179
§ 23 – O Pensar Presentificado.....	179
§ 24 – O Sentido Linguístico	183
§ 25 – O Caráter Ideal das Significações	188
§ 26 – A Significação das Unidades Lexicais.	194
§ 27 – A Significação Proposicional e o Problema da Contextualização do Sentido ..	199
§ 28 – Particularidades das Presentificações Discursivas.....	204
§ 29 – Conceitualidade e Presentificação	210
§ 30 – Forma Narrativa.....	218
E – Afetividade.....	225
§ 31 – Afetividade Originária	225
§ 32 – Emotividade.....	230
§ 33 – A Construtibilidade das Emoções	235
§ 34 – Conceitualidade e Valoração	239
§ 35 – Outros Tipos de Estratificação Afetiva	245
§ 36 – Afetividade e Presentificação.....	254
§ 37 – A Afetividade como Tema Devaneado e como Resposta a Ficções	263
F – O Devanear em Ato	269
§ 38 – Um Exercício de Psicologia Fenomenológica.....	269
§ 39 – Antecipação Conceitual e Descrição Concreta	274
§ 40 – Tipologia dos Atos de Presentificação.....	276
§ 41 – A Perspectiva Metodológica Almejada	284
§ 42 – A Sessão de Captura de Devaneios	287
§ 43 – A Articulação Atencional Intrínseca aos Devaneios	294
§ 44 – A Autotemporalização Devaneante	296
§ 45 – Elucidações sobre o Registro dos Devaneios	298
§ 46 – O Início dos Devaneios	306
§ 47 – Nexos Motivacionais de Devaneios Perceptivos	319
§ 48 – Nexos Motivacionais de Devaneios Discursivos	331
§ 49 – A Emotividade como Fator Encadeante	342
§ 50 – Iterabilidade.....	350

SUMÁRIO

§ 51 – Estudos de Exemplos	353
§ 52 – Graus Básicos de Voluntariedade	361
§ 53 – Propósito	365
§ 54 – Clarificações Conceituais.	374
G – Corolários	385
§ 55 – Identidade Experiencial e Identidade Pessoal	385
§ 56 – Temporalizações	393
Apêndice A – Anomalias do Devanear	401
Apêndice B – Sonhos.	413
III – PERSPECTIVA HISTÓRICO-EXISTENCIAL	427
Estudo I – A Individuação do Subjetivo	429
Estudo II – Virtualização e Subjetivação	447
Estudo III – Eticidade sob o Jugo da Virtualização.	467
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	477

INTRODUÇÃO

Devaneios parecem frágeis e passageiros. Mal se ordenam como vivências e já se esvaecem ante as urgências cotidianas. Quando muito, persistem como ecos confusos a disputar fracassadamente a atenção voltada à realidade. Devanear parece, então, algo oscilante, falho e, sobretudo, inútil. Esses “eventos mentais” indicariam rupturas no circuito das ações produtivas, pelas quais nos inserimos em situações significativas para nossos projetos pessoais e intersubjetivos. Em suma, devaneios seriam simplesmente *desimportantes*, tomariam parte de uma franja desordenada de fenômenos subjetivos que momentaneamente interrompem a consecução de atos e pensamentos amadurecidos. Na própria etimologia do vocábulo parece já estar marcado o pouco valor atribuído ao fenômeno. “Devaneio” derivaria do latim “*vanus*”, que quer dizer “vão”, “vazio”, “fútil”. Talvez cause, assim, desconforto de frontar-se com uma obra devotada a esse tema. A aparente inutilidade dos devaneios não contaminaria a exposição inteira, condenada, por sua vez, a alimentar a má-fama da filosofia em dedicar-se a assuntos esdrúxulos, sem impacto algum no modo de vida concreto das pessoas?

Pouco convenceria como resposta a esse desconforto postular um sentido técnico de “devaneio” que atribuiria a tal fenômeno uma elevada relevância ou significatividade. Isso somente daria razão a outra acusação comumente lançada contra a filosofia, em particular sob sua institucionalização acadêmica, a saber, de que os profissionais da área se contentam em estipular técnicas conceituais como tema, as quais ganham vida tão somente em trabalhos publicados na correspondente área acadêmica, que se sustenta, por sua vez, como exploração indefinida dessas técnicas por meio de numerosos comentários sobre outros comentários. Enfim, a

filosofia se reduziria a uma produção técnica oriunda de especialistas e com vistas à manutenção do próprio âmbito de especialização, sem que se tratasse de algo com algum impacto fora desse campo. Certamente este não será o caminho aqui trilhado. O filosofar se enraíza em nossas práticas linguísticas comuns, e não cabe romper com elas sob o pretexto de um maior rigor analítico, pois assim nos arriscaríamos a forjar domínios técnicos tão artificiais que em nada esclareceriam os assuntos de partida. Esses assuntos que tanto motivam o filosofar como uma prática entrelaçada à comunicação ordinária são aqueles do nascer, do morrer, do conviver, do pensar, do próprio exprimir-se; em resumo, núcleos existenciais que deflagram uma vertigem questionadora que não se encerra por apelo a casos empíricos isolados ou à autoridade divina. Nesse sentido, ao retomar filosoficamente o devanear, cabe levar em conta toda a riqueza vivencial habitualmente atrelada a tal noção, o que envolve a própria desimportância com que é tantas vezes tratada. O exercício filosófico por nós almejado não rompe com o sentido comum de “devanear” para estipular um significado técnico que garanta, de início, o interesse da noção e, dessa maneira, previna o ridículo de dedicar-se a algo tão secundário na vida comum – garantia que cobra o alto preço do isolamento em um domínio artificialmente criado. Por sua vez, não se espera simplesmente recensear e repercutir as avaliações de senso comum sobre o devanear. Sem romper com a experiência cotidiana do devanear, sem substituí-la por uma tecnicidade cuja principal função é justificar a sobrevida de um campo acadêmico especializado, nossa investigação almeja lançar luz sobre o que se entende comumente por devaneio, de forma a tornar sensíveis aspectos semânticos que, mantendo o lastro na experiência familiar, lançam as bases para uma compreensão muito mais enriquecida dessa mesma experiência.

Filosofar não é somente reproduzir o entendimento vigente no senso comum. Manter o lastro na experiência cotidiana e, a partir daí, remeter-se às regiões fulcrais do existir humano, não significa repetir os prejuízos com que muitas vezes essas regiões são distorcidas ou dissimuladas. O entendimento ingênuo acerca de nossa inescapável imersão no mundo muitas vezes se erige sobre reflexões dispersas e apressadas. Ao filosofar, no entanto, almeja-se uma *orientação crítica do pensar*, consolidada sobre procedimentos racionais que contribuam para expurgar preconceitos e falácias. Não basta pretender coincidir com a imediatez da experiência comum, e arriscar-se a amplificar as limitações de compreensão ali vigentes. Os fenômenos não estão desde sempre como que à espera de uma coleta direta e neutra. Se pretendemos saber o que são os devaneios, não é então suficiente repetir a esmo o que se diz por aí sobre esse assunto. Certa metodologia crítica se faz necessária para distinguir quais preconceitos mais ocultam do que revelam o fenômeno em vista e, finalmente, para

tornar explícita sua efetiva amplitude. Em particular, este livro se filia à *tradição fenomenológica*, fundada por Edmund Husserl, e vai servir-se dos principais recursos metodológicos sistematizados em seu interior por diversos autores para propor uma investigação filosófica dos devaneios.

É óbvio que a fenomenologia não é um tipo de expressão natural do intelecto, mas sim o resultado de camadas de decisões teóricas articuladas de modo mais ou menos sistemático em vista da exploração de campos temáticos determinados. Vindo a público com a obra *Investigações Lógicas*, em 1900-1901, a fenomenologia não deixou de ser reconfigurada no correr de todo o século XX por meio de contribuições de muitos autores. Nesse sentido, a fenomenologia se especializa e constitui por si só um campo de estudos acadêmicos. É comum, porquanto, que o aprendizado da fenomenologia se concentre em retomar os principais autores e suas obras, para então delimitar tal área de pesquisa. E uma vez que essas obras são densas, por vezes quase impenetráveis, muito da produção fenomenológica se cumpre como tentativa de reconstrução da arquitetônica conceitual ali contida. Sem dúvida estudos desse tipo são essenciais para compreender a formação e a transformação da tradição fenomenológica, mas o que normalmente se tem em vista aí é a coerência ou incoerência expositiva das obras, e não necessariamente o campo temático que se pretendia investigar de partida. As noções fenomenológicas são tomadas, assim, como técnicas conceituais cuja história formativa cumpre acompanhar, cujo contraste com outras opções teóricas pode-se explicitar, em suma, como tópicos que mantêm pertinente a demarcação de uma área acadêmica especializada, mas não necessariamente como instrumentos operativos capazes de explorar os temas fenomenológicos anunciados.

De nossa parte, almejamos cumprir as *duas* tarefas destacadas. Por um lado, seria tolo buscar abraçar os fenômenos de modo imediato, coincidir com a experiência independentemente de problematizações conceituais, e isso porque o próprio domínio fenomenal não é um campo fixo de entes indiferentes à abordagem teórica assumida, mas se deixa revelar em maior ou menor complexidade à luz de operações críticas bem ou malconduzidas. É certo então que o aprendizado conceitual-argumentativo deve densificar o olhar investigativo, e é exatamente o que o legado fenomenológico oferece. Por outro lado, não se trata somente de comentar esse legado, de reconstruir as definições técnicas, de contrastar diferentes projetos autorais, e sim de *operar segundo* os recursos conceituais herdados, de *investigar* o campo temático de maneira a avaliar a força exploratória da fenomenologia não pela coerência interna das obras, mas pela capacidade de elucidar os tópicos em questão. Na primeira parte do livro, buscamos reconstruir criticamente os principais recursos operatórios da fenomenologia, entendida como uma descrição transcendental da vida subjetiva. Já

na segunda parte, buscaremos circunscrever, baseados nessa abordagem, as diversas facetas dos devaneios.

A reconstrução dos tópicos fundamentais que demarcam a fenomenologia toma como ponto de partida algumas das principais discussões teóricas de Husserl. Não nos limitamos aí a recompor a “coerência da exposição do autor”, pois retomamos os recursos conceituais à luz de diversos desafios argumentativos lançados do interior da própria tradição fenomenológica ou de tradições analíticas voltadas a problemas similares. Em outras palavras, é preciso elucidar as noções basilares da fenomenologia (a reflexão, o conhecimento eidético, a redução, a intencionalidade), uma vez que as descrições almejadas se baseiam em tal conceitualidade. Todavia, não é o caso de apenas expô-las como temas introdutórios fixos; haverá uma reelaboração crítica desse aparato conceitual sob os desafios intrínsecos ao campo temático em vista. Espera-se com isso moldar uma abordagem fenomenológica, conquanto muito mais limitada do que aquela de Husserl em suas pretensões de fundamentação da própria filosofia, eficaz em tornar apreensíveis as estruturas marcantes dos devaneios. Será então com base nessa abordagem que se vai praticar a “intuição fenomenológica”, na segunda parte, em que o devanear é explorado sistematicamente, de início em seus *componentes presentificantes*, e por fim em seus *encadeamentos vivos*. Como se sabe, a fenomenologia se apresenta como uma filosofia descritiva, que faz ver as estruturas essenciais dos fenômenos a que se volta. Mas esse “fazer ver” nunca é mera captação neutra de objetividades indiferentes. Se não se argumenta a cada descrição a fim de justificar sua forma e seu conteúdo, é simplesmente porque se pressupõem atuantes certas decisões argumentadas estruturantes do próprio enfoque descritivo. Não se justifica a cada vez os resultados obtidos porque se julga válida em geral a abordagem que os produz.

Esse último ponto merece ainda um pouco mais de reflexão. A principal tarefa da fenomenologia seria oferecer *descrições* dos fenômenos em pauta. Poder-se-ia pensar que a força persuasiva das exposições construídas com tal desiderato estaria tão somente na intuitividade inerente ao ato de descrição. Importaria *mostrar* a estrutura dos fenômenos, e a evidência constituinte desse mostrar seria partilhada entre o autor e os leitores. Com efeito, por um lado, há um exercício intuitivo mínimo no entendimento de uma descrição: a evidência apresentada pelo autor de que *os fenômenos são assim* deve ser repetida pelo leitor ao compreender por si mesmo que aquilo que ali se almejou foi mostrar como as coisas são. Contudo, por outro lado, cabe notar que os *temas descritos*, conquanto partilhem da evidência da forma expositiva em que são apresentados (no caso, forma descritiva), *não* contam com a intuitividade descritiva como fonte única de sua legitimidade. Afinal de contas, nem

todos os resultados descritivos são igualmente bons, e as qualidades explicitantes de alguns deles não decorrem apenas do apelo para a partilha de certa intuitividade constitutiva do exercício descritivo. Para além disso, o modo como o tema é circunscrito, as categorias nas quais é enformado e detalhado, a captura semântica fina de sua processualidade interior, tudo isso remete a decisões teóricas que organizam e qualificam a descrição praticada. Mais do que um vago chamado à evidência imanente ao ato de descrever, cabe acentuar as particularidades metodológicas que permitem reconhecer, se bem que sem demarcar absolutamente, a descrição *fenomenológica*. E o estabelecimento dessas particularidades não reenvia, por sua vez, a algum tipo especial de intuitividade, e sim ao exercício analítico-conceitual e argumentativo marcante do trabalho filosófico em geral.

Na terceira parte do livro, buscamos empregar as descrições fenomenológicas não mais tendo em vista isolar tematicamente as estruturas essenciais do fenômeno devaneante, mas posicionar-se ante algumas formas privilegiadas da experiência devaneante nas circunstâncias sociais presentes. É claro, esse posicionar-se será principalmente uma tentativa de fazer aparecer como alguns dos princípios ordenadores do devanear sustentam ao menos em parte o viço de um agir de grande impacto em nossa época, a saber, a lida cotidiana com o que se reconhece como *virtual*. A esse agir irrefletido, à sedimentação ingênua de formas de operacionalizar as capacidades presentificantes segundo imperativos técnicos que exprimem valores socioeconômicos difusos, ainda contrapomos a abordagem fenomenológica como uma *orientação crítica*, agora no sentido de que as descrições obtidas permitem fixar e problematizar alguns aspectos de modelos cada vez mais preponderantes de interação social. O intuir fenomenológico, não como um poder mágico de auto-evidência e sim construído criticamente, permitirá, então, escrutinar alguns modos de estruturação da experiência subjetiva na atualidade. A orientação fenomenológica não se encerra, desse modo, no estudo de componentes vivenciais supostamente a-históricos; seu instrumental analítico permite tornar menos enigmáticas algumas das tendências mais avassaladoras da contemporaneidade.

LANÇAMENTO 2023

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

